

PARTNER / 1968 (*Partner*)

um filme de **Bernardo Bertolucci**

Realização: Bernardo Bertolucci / **Argumento:** Bernardo Bertolucci e Gianni Amico, com base no romance *O Duplo* de Fiodor Dostoiévski / **Fotografia:** Ugo Piccone / **Montagem:** Roberto Perpignani / **Direção Artística:** Francesco Tullio Altan / **Música:** Ennio Morricone / **Décors:** Mario Magara / **Interpretação:** Pierre Clémenti (Jacob I - Jacob II), Stefania Sandrelli (Clara), Tina Aumont (vendedora de detergente), Sergio Tofano (Petrushka), Giulio Cesare Castello (Professor Mozzoni), Romano Costa (pai de Clara), Antonio Maestri ("Tre Zampe", professor de arte dramática), Mario Venturini (professor), John Ohettplace (pianista), Ninetto Davoli, Jean-Robert Marquis, Nicole Laguiné, Sibilla Sedat, Gianpaolo Capovilla, Umberto Silva, Giuseppe Mangano, Sandro Bernardone, David Grieco, Rochelle Barbieri, Antonio Guerra, Alessandro Cane, Vittorio Fanfoni, Giancarlo Nanni, Salvatore Sampieri e Stefano Oppedisano (estudantes).

Produção: Giovanni Bertolucci, para Red Film / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, cor, scope, versão falada em italiano, com legendas em português, 101 minutos / **Estreia em Portugal:** 30 de Dezembro de 1977, no cinema Quarteto.

Partner é um filme fascinante, mas mais como sobressalto inesperado na carreira de Bertolucci do que de direito próprio. O primeiro filme do jovem poeta italiano que estava prestes a ganhar um dos prémios literários mais prestigiados de Itália foi **La Commare Secca**, em que Bertolucci fez os possíveis para se emancipar da tutela de Pasolini sem, no entanto, alcançar inteiramente o seu objectivo. A seguir realizou **Prima della Rivoluzione**, um filme intensamente pessoal em que pôs de lado homenagens explícitas a "gurus" cinemáticos da altura, para seguir o mais possível no enalço de um "guru" mais interior chamado Stendhal. No terceiro filme surge a surpresa. Pareceria, com **Prima della Rivoluzione**, que Bertolucci encontrara a sua voz individual, que descobrira o seu estilo próprio. Mas, insolitamente, **Partner** constitui um novo ponto de partida "do zero", em que, em vez de Pasolini, a tutela dominante do filme é Jean-Luc Godard, com um pouco de Cocteau à mistura. Visivelmente, a surpresa de ter encontrado tão cedo a sua própria voz "assustou" Bertolucci; o problema é que já passara a fase pueril de fazer cinema "à maneira de...", pelo que **Partner** poderá surgir como uma curiosidade mais ou menos *manquée*. No seu excelente estudo sobre Bertolucci, Robert Phillip Kolker propõe a noção de que o realizador necessitava de "integrar" o estilo de Godard por meio da imitação directa, à semelhança daquilo que fizera com Pasolini em **La Commare Secca**, sendo a intenção de Bertolucci pura e simplesmente a vontade de se libertar de duas personalidades do mundo do cinema que o tinham influenciado profundamente. Kolker chama a este processo um "Oedipal pattern"; e visto por este prisma, poderemos talvez aventar a hipótese de o stendhalismo de **Prima della Rivoluzione** não ter sido, afinal, a manifestação de uma via artística encontrada, mas uma tentativa de libertação de uma tutela que precisava de ser posta de parte. No entanto, o nível incontestavelmente superior de **Prima della Rivoluzione** relativamente aos outros filmes

que estão aqui em causa põe-nos sem dúvida de sobreaviso no respeitante a uma aceitação demasiado confiante da proposta de Kolker.

Seja como for, o próprio argumento de **Partner** parece - quanto mais não seja pela simples escolha do tema de *O Duplo* de Dostoiévski - evidenciar uma crise de identidade no percurso artístico de Bertolucci. A figura de Jacob, que reúne numa só personagem duas personalidades completamente antitéticas, é eloquentemente representativa de um posicionamento mental esquizofrénico que nem por isso avulta especialmente godardiano. É muito mais o tratamento que Bertolucci dá ao seu argumento em termos cinemáticos (começando pela utilização do "scope") que lembra Godard, mas é possível que a insistência nesta matriz seja redutora, uma vez que **Partner** é um filme repleto de citações cinemáticas: basta lembrar uma das sequências iniciais, em que após a troca "à descarada" de títulos de vários prelúdios de Debussy entre Jacob e o pianista ("La fille aux cheveux de lin", "Voiles", "Les collines d'Anacapri", etc.), o protagonista puxa de um gesto que remete directamente para o título de um celeberrimo filme de Truffaut (**Tirez sur le Pianiste**). Outra citação óbvia remete para o **Couraçado Potemkine** de Eisenstein e, se quiséssemos continuar o jogo de detectar citações e influências, poderíamos até afirmar que a personagem de Jacob não é mais do que uma actualização insólita da figura de Dr. Jekyll/ Mr. Hyde.

Tudo isto evidencia sem dúvida a qualidade desigual de **Partner**, em que tudo é apresentado ao espectador de forma fragmentada e desconexa - o que de resto será intencional, uma vez que é precisamente nestes moldes que a música de Morricone está construída: frases curtas, interrompidas, que deixam sempre no seu encaixe um ponto de interrogação, correspondente a uma cadência não-resolvida ou a um acorde cujo elemento principal fica a pairar no ar sem ter sido propriamente realizado auditivamente. A montagem de **Partner** produz uma sensação análoga à música de Morricone: independentemente do predomínio da técnica do plano-sequência, há a notar a forma excêntrica com que as sequências estão engrenadas umas nas outras. Por um lado, há a tal fragmentação que já foi referida, posta em relevo, não raro, por segundos de "interlúdio" em que o espectador é confrontado com um ecrã totalmente negro. Por outro lado, a lógica segundo a qual as sequências se sucedem umas às outras nem sempre é muito transparente. Bertolucci afirmou que a montagem inicial de **Partner** era totalmente diferente; foi alterada um pouco arbitrariamente para agradar aos produtores, mas o próprio cineasta foi o primeiro a declarar que a montagem de **Partner**, numa ou noutra versão, era algo que o deixava completamente indiferente!

No conjunto, **Partner** não é um filme verdadeiramente representativo do cinema de Bernardo Bertolucci: está nos antípodas de **Prima della Rivoluzione**, de **Strategia del Ragno**, de **La Luna** e de **The Sheltering Sky**, já para não falar de **Novecento** ou de **The Last Emperor**. Representa um momento curioso de indefinição estilística na carreira de um realizador que, à sua maneira, soube manter um estilo próprio inesperadamente consistente. O facto de **Partner** representar um desvio insólito dentro da obra de Bertolucci é aquilo que mais recomenda o seu visionamento... mas reconheçamos que se trata, muito francamente, de uma recomendação um tanto desconsolada.

Frederico Lourenço

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico